

Os Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá, Ticuna e Krenak gritam: cuidado, o Curupira vai te pegar!

*Antônio Rogério dos Santos (UFAC)**

<https://orcid.org/0000-0002-5225-4948>

*Ananda Machado (UFRR)***

<https://orcid.org/0000-0002-3363-2587>

*Valtenir Soares de Abreu (UFRR)****

<https://orcid.org/0000-0003-0670-0932>

Resumo:

Os/as Curupiras vão te pegar neste texto busca divulgar as múltiplas possibilidades de narrar e de existir. A análise pretende contribuir para decolonizar os estudos de literatura e desconstruir estereótipos atribuídos aos seres encantados indígenas. Há enfoque ecológico, a partir das ideias de Krenak (2019), na direção de ressaltar o poder regulador do Curupira como ser protetor da floresta e da vida. O estudo faz um inventário das denominações, capacidades de ação, de interpretação e de comparação entre obras de autoria indígena Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá e Ticuna. Essas versões foram ouvidas pelos autores, por companheiros de pesquisa, conhecidas através de entrevistas ou de livros publicados por autores indígenas. Os textos de autoria não indígena mencionados aparecem apenas como contraponto, na direção de evidenciar algumas das diferentes formas de apropriação e transformação dessas literaturas.

Palavras-chave: Curupira; Literaturas Indígenas; Ecologia.

Abstract:

The Apurinã, Tenetehara, Kambeba, Kaxinawá, Maraguá, Tikuna and Krenak shout: watch out, Curupira will get you!

* Mestrando em Artes Cênicas (PPGA-UFAC). Professor pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas. SEDUC-AM. <http://lattes.cnpq.br/5386378923127107>. E-mail: antoniorogeriados-santos1972@gmail.com

** Doutora em História Social pela UFRJ. Professora do Curso Gestão Territorial Indígena no Instituto Insikiran- UFRR, com ênfase em Patrimônio Indígena. <http://lattes.cnpq.br/1012133793187374>. E-mail: machado.ananda@gmail.com

*** Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Servidor efetivo da Universidade Federal de Roraima, no cargo de Técnico em Assuntos educacionais. <http://lattes.cnpq.br/4380204341268070>. E-mail: valtenir.abreu@ufrn.br

Curupiras will catch you in this text that seeks to disclose these multiple possibilities of narrating and existing. It is an analysis that intends to decolonize literature studies and contribute to the deconstruction of stereotypes attributed to indigenous enchanted beings. There is an ecological focus, based on the ideas of Krenak (2019), in the direction of highlighting the regulatory power of the Curupira as a protector of the forest and life. He would invent denominations, capacities of action, of interpretation and of comparison between works of indigenous authorship Apurinã, Tenentehara, Kambeba, Huni Kuĩ, Maraguá and Ticuna. These versions were heard by the authors, by fellow researchers, known through interviews or books published by indigenous authors. The texts by non-indigenous authors mentioned appear only as a counterpoint, in the direction of highlighting some of the different forms of appropriation and transformation of these literatures.

Keywords: Curupira; Indigenous Literatures; Ecology.

Introdução

O principal objetivo deste texto é descortinar a figura do Curupira, figura encantada bastante presente no contexto das narrativas indígenas brasileiras. Para muitos povos indígenas, o Curupira regula as caças e defende as matas, mas em alguns casos é visto de fora das comunidades de forma pejorativa e estereotipada. Buscamos ultrapassar visões de folclore que reduzam idiosincrasias étnicas e, com os indígenas e com o Curupira, contribuir na proteção da floresta.

Para Julie Dorrico (2020), o território indígena:

é nossa casa, e os exploradores dos recursos da natureza querem destruí-la. A visão moderna pôs os encantados como traiçoeiros, maldosos, assassinos. As narrativas indígenas apresentam outra perspectiva, da relação orgânica do humano com a natureza, contrária ao consumismo desenfreado, contrária a tudo que destrói sem pensar no amanhã (DORRICO, 2020, p. 20).

Essa visão da escritora indígena Macuxi aponta na direção que desejamos pensar o Curupira, mas infelizmente a imposição da matriz colonizadora que surgiu com a invasão portuguesa se estende até os dias de hoje.

As façanhas do Curupira em terras brasileiras estão descritas no *Dicionário do folclore brasileiro*, onde Câmara Cascudo relata o aparecimento do Curupira e cita referências como José de Anchieta, que faz uma descrição surpreendente:

É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e *que os brasis chamam Curupira*, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disso os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos curupiras que não lhes façam mal (ANCHIETA apud CASCUDO, 1954, p.332).

A demonização do Curupira é algo que contrasta com as perspectivas indígenas, à medida que não se estabelece uma ruptura abrupta com a forma de viver e pensar do modelo eurocentrado. No decorrer dessa pesquisa, ouvimos lideranças indígenas que corroboram no sentido de uma formação intelectual e sensível. Para quem tem inte-

resse em encontrar com esse personagem, vamos apresentá-lo neste artigo.

O texto inicia por uma narrativa Apurinã de Boca do Acre – Amazonas, seguindo para um diálogo entre um Curupira Tenentehara das aldeias Areal e Jeju, no Pará, com o boi Garantido de Parintins – Amazonas. Depois, visitamos uma versão da comunidade Nova Olinda, Terra indígena do povo Huni Kuĩ (Kaxinawá), no Acre. Na sequência, o texto surpreende com uma Curupira feminina Kambeba e é concluído com um Curupirinha Maraguá.

Um Apurinã e o Curupira/ Caboclinho Da Mata

Lá pelas bandas do rio Purus, numa região chamada Terra Firme, em Boca do Acre, um Apurinã disse: “cuidado ao pisar na mata, pois o Curupira, também conhecido como Caboclinho da Mata, anda muito bravo com o homem branco”. Como mal nenhum fazíamos, por que temer Curupira? Continuamos a ouvir¹:

[...] o Zé das Chagas, que morava sozinho com as três filhas, lá pras bandas das terras firmes (planalto), tinha fama de valente, entrava na mata, e atirava nas caça, só pra vê os bicho caí. Um dia o Curupira farejou o rastro dele, e decidiu se vingar, chegou bem perto do Zé e falou: -Cê me conhece, Zé das Chagas? O Zé vendo aquela coisa lhe chamando pelo nome, ficou da cor do leite da castanha, igualzinho o leite da seringa. Pensando que era uma assombração, foi logo dizendo que não. – Não precisa ter medo, Zé, eu sou o Curupira, protetor dessa mata. Você caça muito? E o Zé disse que não. – Só pra comer mesmo, quando a macaxeira tá fraca. O

Curupira, sabendo que era mentira, propôs um trato. – Ô Zé, você quer virar um caçador dos bons. Daqueles que pega, anta, veado e queixada num só dia? Mais que depressa o Zé falou: - quero sim, já pensando nas maldades que podia fazer, e melhor ainda com permissão, do zelador da mata. O Curupira disse, então: – tá arranjado, só que tem um porém, você tem que me dar a sua filha mais nova em casamento. Aí o Zé das Chagas ficou intrigado, mas sabia que não podia dizer não pro bicho. Quando chegou em casa, falou para filha mais velha que tinha arranjado um casamento pra ela. E pensou com ele: vou enganar o Curupira, a mais nova eu não entrego. No dia seguinte, o Curupira foi lá na casa do Zé e, antes de entrar, se transformou num homem bem bonito, num desses homens de pele preta que dá gosto de ver, alto, forte, cabelo bem apumado, e braço de remador, um espetáculo de homem. Diz o Zé que ficou encantado com a formosura do moço, que não se parecia nada com aquele bicho cabeludo, que mais parecia um macaco anão, que ele viu na floresta. O Curupira, chegando foi logo dizendo: – Ô de casa, e a moça quando viu aquele homem, também não pensou duas vezes em se entregar a ele. Encurtando a conversa, o Curupira levou a moça para casa, sabendo que tinha levado a mais velha. Lá chegando, pediu para ela armar o fogo que ele ia caçar, então ela fez tudo direitinho para impressionar o marido, ficou cheirosa e pôs a panela pra ferver. Depois de um tempo, volta o Curupira só com a faca na mão, olha para moça e diz: – o cheiro tá bom! E num só golpe, pôs a dama na panela. Passado um tempo, o Curupira voltou à casa do Zé, e se queixou que a mulher fugiu ou se perdeu na mata, e exigiu a filha do meio. E lá se foi a filha do meio no mesmo ritual. Passado mais um tempo, o Curupira insatisfeito, voltou à casa do Zé das Chagas, exigindo a filha mais nova, a última que faltava. O Zé relutou, mas não tinha o que fazer, antes tivesse ido embora. E lá se foi a filha mais nova do Zé com aquele que parecia um homem bonito. Chegando à casa do Curupira, a moça começou a fazer um monte de pergunta a respeito

1 A metodologia da pesquisa que resultou neste artigo mescla entrevistas realizadas presencialmente com lideranças indígenas, revisões bibliográficas e colaborações de outros pesquisadores. Outras entrevistas, como a do diretor de arte do Boi Garantido, foram realizadas remotamente.

do sumiço das irmãs. Como o Curupira não queria levantar desconfiança, disse logo à moça: – tô com muita fome, e você deve estar também, vou caçar alguma coisa para gente comer e logo volto, enquanto isso você arma o fogo e põe a panela pra ferver. Deu um beijo daqueles que a moça nunca tinha recebido, e lá se foi ele. Mas a mais nova era muito desconfiada, arrumou tudo rápido e se pôs a procurar as vestes e vestígios das irmãs pela casa, foi então que um macaco guariba chamou a atenção da moça e ela se pôs a persegui-lo, e no meio da perseguição, ela tropeçou num monte de ossos e junto a eles, os pertences das irmãs. Viu que não tinha pegada nenhuma de bicho, então pensou consigo, não foram devoradas por nenhuma fera, os ossos tão bem limpinhos, do jeito que só se cozinha uma paca. A moça estremeceu e percebeu que corria perigo, e que o matador só podia ser aquele que sabia armar o fogo, no caso, o homem que ela tinha aceito como marido. Voltou para casa nova, e armou uma tocaia, quando o homem chegou procurando por ela, ela o golpeou na cabeça e o jogou na panela. Mas Curupira não morre, fica desaparecido por sete anos e depois volta. Foi o tempo pro Zé e a filha dele sumirem dali. Um compadre disse que de passagem o Zé prometeu nunca mais fazer mal algum à floresta ou a qualquer coisa que viva na mata, e que todo dia reza pro Curupira não mais encontrar ele e a filha.

Essa narrativa foi contada após *Waykury* Apurinã empunhar um pedaço de madeira – na verdade, um galho que lhe serviu de cajado. Ele nos chamou para uma clareira na beira da mata e lá, mergulhado em sua verdade, contou essa história. Igual a ela, encontramos muitas outras narradas por povos da floresta e de seus arredores.

Chamou-nos a atenção a forma como ele se empoderou pelo uso da palavra na clareira que lhe serviu de palco para sua enenação. Em momento nenhum pedimos que ele representasse a história. Por isso, nos

surpreendemos, primeiro pelo conteúdo da narrativa, e depois pela interpretação criativa, livre e espontânea daquele narrador.

A narrativa revela uma consciência ecológica do ser, a necessidade da preservação da vida e dos biomas terrestres. Mas como falar disso se o Curupira na história contada acima levou consigo duas vidas? Em contraponto perguntamos: mas e as vidas das caças subtraídas pelo Zé das Chagas não entram nessa conta? Consideramos que a natureza e o homem fazem parte desses conflitos. Se essa história houvesse ocorrido na cidade, a punição do Zé talvez acontecesse em tribunal, com o Curupira na forma de um belo negro, imbuído do martelo e da toga, fazendo uso de suas atribuições, penalizando as tantas vidas arrancadas do meio da floresta pelo puro desejo de matar.

E, para partir do Amazonas em direção ao Pará, revisitamos Câmara Cascudo quando este compendiou modificações somáticas do Curupira paraense:

Tem quatro palmos de altura em Santarém; é calvo, com o corpo cabeludo, no rio Negro; sem orifícios para as secreções, no Pará; com dentes azuis ou verdes e orelhudo, no rio Solimões, sempre com os pés voltados para trás e de prodigiosa força física, engana caçadores e viajantes, fazendo-os perder o rumo certo, transviando-os dentro da floresta, com assobios e sinais falsos (CASCUDO, 1954, p.332).

Assim, após conhecer essa diversidade de formas e cores do Curupira, mencionaremos, a seguir, o Tembé/Tenetehara, ressaltando a potência dos diálogos entre os povos indígenas e as grandes festas populares como a do boi de Parintins. Podemos dizer, portanto, que tais eventos constituem, em grande medida, momentos rituais, que oportunizam experiências de contato com a transcendência.

Uma versão Tembé/Tenetehara do Curupira no Boi de Parintins

No ano de 2019, o Curupira ocupou os palcos do festival do Boi de Parintins, no Amazonas. Nessa narrativa, o encantado assumiu o protagonismo da cena e se dividiu em sete espíritos. De acordo com a história contada, o Curupira é um ser que vive nas florestas. Alan Rodrigues, diretor de Artes, pesquisador e editor da revista do Boi Garantido de Parintins falou:

A partir do início das competições nos anos 1965 e 1966 é que se começa levar para a arena elementos do imaginário que é contado de pai para filho, de avô para neto, aí vem o Bicho Folharal, vem o Curupira, a Iara, o Boto, que são chamados encantados. O processo inicial do festival, ele é feito muito com base nesse imaginário, muito, com base na vivência das pessoas que estavam lá, elas traziam o que fazia parte do seu cotidiano, daquilo que elas conheciam (RODRIGUES, 2020).

Se o festival de Parintins se tornou grandioso e hoje ocupa lugar de destaque na mídia, não foi sempre assim; ele não começou com o aporte da indústria cultural e nem financiado por grandes corporações. Notamos na fala do Alan que o processo inicial era feito com base no conhecimento popular, nas histórias contadas de pai para filho e de avô para neto. E em toada do Júnior de Souza, o Curupira ganha cara nova na arena.

Quando você tem o Curupira nos primeiros anos do festival, ele não era colocado na arena como um defensor da floresta, era colocado como um encantado, uma visagem que você tinha que ter medo, ele sequestrava as pessoas, levava para o meio da floresta né, mantinha elas presas, lá você botava tabaco e cachaça para agradar a ele. Então ele não tinha essa conotação de defensor, ele vai sair ressignificado na arena, no garantido, nesse ano, como um defensor da Floresta. (RODRIGUES, 2020)

No ano de 2019 o Curupira volta para a arena do Boi Garantido com novos atributos extraídos das culturas indígenas, mais precisamente do povo Tembé/Tenetehara, onde, segundo pesquisa e toada do Adriano Aguiar para o Garantido, o Curupira é um ser que se transforma em um gigante e se divide em outros sete espíritos para defender a natureza. No artigo *Histórias Tembé: sobre narrativas e autoidentificação*, Mônica Vieira (2016) explica:

Ouvi narrativas sobre o Curupira em minha ida a campo para as aldeias Areal e Jeju, no município de Santa Maria do Pará, o que confirma que de 1996 (ano de publicação do diário de Galvão) a 2013 (ano da minha ida a campo), o Curupira continua presente nas histórias dos indígenas *Tembé/Tenetehara*, assim como outras narrativas. (VIEIRA, 2016, p. 101)

Em sua tese, Vieira reafirma a presença do Curupira no território Tembé/Tenetehara, o que também faz Alan Rodrigues, quando defende e reconhece o valor da reincidência do Curupira aos palcos do Garantido:

Ele volta de novo, com uma outra roupagem, ele volta como Sete espíritos, numa toada do Adriano Aguiar, em que ele continua sendo o Curupira, há uma compreensão que esse encantado é conhecido por diversas etnias, diversos povos e em cada povo ele recebe um nome diferente, e tem uma função diferente, ele é diferente, e aí você vai ter esse dos 7 espíritos, onde ele vai ter uma configuração diferente, mas ainda sendo apresentado como o defensor da floresta. (RODRIGUES, 2020)

A existência do Curupira “dos 7 espíritos” amplia ainda mais a visão que até então conhecíamos sobre ele. Assim, é ele um símbolo de resistência, cabendo ressaltar que o objetivo de Anchieta era negar, deslegitimar e apagar as crenças indígenas através da catequização. Cada vez mais, artistas, escritores, professores indígenas e pesquisadores

o definem nas perspectivas próprias:

CURUPIRA é o dono da mata e mora nas sapopemas da sumaumeira. Ele gosta de silêncio e está sempre andando para cima e para baixo na floresta. Quando cansa, senta-se sobre um jabuti, que lhe serve de banco. Dizem os velhos que ele tem os cabelos compridos, corpo peludo, olhos pretos e pés virados. Existem vários tipos de Curupira: o pai da sumaumeira, o dono do jabuti, o dono dos outros animais, o Curupira macho e o Curupira fêmea. O Curupira faz medo aos caçadores batendo nas raízes das árvores. Ele atrai e encanta as pessoas. Quando o Curupira ataca, o único jeito de matá-lo é batendo no seu corpo com um pedaço de pau podre. Mas antes de morrer ele sempre diz: “Se um dia eu me acabar, fica outro no meu lugar guardando tudo o que é meu”. (Professores Ticuna, in MONTE; FREIRE, 2007, p.31)

De modo poético, os professores/escritores indígenas compartilham seus conhecimentos e especificidades falando de uma Curupira fêmea. Assim como fazem com as figuras de Exus e Pombagiras, acontece com essa entidade de defesa da natureza que vive nas narrativas dos povos indígenas e que recebe vários nomes de acordo com sua região: Curupira, Caipora, Caboclinho da Mata, mas é sempre o mesmo, como diz o povo Tembé Tenetehara: *Karuwaras* ou simplesmente Curupira.

Portanto, o caçador no espaço do mato lida com *karuwaras* que comandam os animais. A relação entre os Tembé e tais seres é proporcionada mediante os necessários para o contato existentes entre não-humanos e pajé, ambos similares, porém não idênticos. Segundo Antonio Tembé, “Se uma caça correr na tua frente é só imitar o Curupira, ela para na hora. Aí tu vai e atira nela” (COELHO, 2014, p. 118)

Os Tembé Tenetehara também foram fonte de inspiração do Boi Garantido, onde, para afirmar a existência do Curupira, sete

espíritos promovem a abertura da primeira noite de apresentações na arena naquele ano de 2019, sendo o encantado representado como ícone de resistência para além de um defensor da natureza. A força e expressividade dessa figura simbolicamente relevante para praticamente todas as culturas indígenas passa a encantar também o bambódromo, conforme podemos constatar na fala de Alan Rodrigues:

O Curupira na primeira noite, ele vem no contexto da Resistência, vem dizer, que antes da chegada dos colonizadores, aqui já existe um mundo. O aqui já existia, física e simbolicamente. Já existia um imaginário, já existiam os indígenas com uma cosmogonia uma cosmovisão e o Curupira faz parte dela, então é um momento onde você traz o Curupira como um símbolo, porque ele vem até os dias hoje, desde antes da colonização ele chega até os dias de hoje, nesse Imaginário onde ele resistiu, né, assim, encantado ele persiste, ele já existia antes da chegada do colonizador e ele existiu depois, e se mantém, apresenta resistência simbólica, essa resistência de toda essa cultura indígena. (RODRIGUES, 2020)

É indubitável que cada pedaço de floresta tem um protetor da mata e, junto dele, seus mistérios. E essa cosmovisão, que inspirou o Garantido, parece seguir na direção que aponta Ailton Krenak: “não é uma visão total, ela é uma visão aberta” (2019, p. 63). O intelectual indígena defende fortemente a necessidade de “admitir a existência de inumeráveis mundos.” (KRENAK, 2019, p. 63).

Em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), Ailton Krenak questiona como, ao longo de dois mil ou três mil anos, nós construímos essa ideia de humanidade e, dentro dessa, a aceitação de que existe uma raça branca, evoluída e iluminada, que tem a missão de levar a luz e o esclarecimento a uma humanidade obscurecida, convocando to-

dos a seguir o caminho “civilizatório”. Porém o que não vem esclarecido na oferta desse pacote é o porquê do uso da violência e da força como justificativa do que se chama de progresso. Nesse sentido, cabe o questionamento de Krenak (2019) no que se refere às dinâmicas por trás dos discursos da “humanização” dos índios pelos brancos.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. (KRENAK, 2019, p. 13)

Referindo-se à perspectiva das pessoas que insistem em manter um pensamento eurocentrado, Krenak (2019, p. 18) afirma que, “não toleram esse tipo de cosmos”, esse mundo criativo desenvolvido ao longo de séculos pelos povos indígenas, e não vislumbram a constelação de seres contidos nas matas. E nesses ambientes com mais concreto do que verde, que muitos indígenas são praticamente obrigados a ir, o local de sobrevivência deles e do Curupira vem sendo a arte e a literatura.

As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta. Não estou falando do filme Avatar, mas da vida de vinte e tantas mil pessoas — e conheço algumas delas — que habitam o território Yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pela mineração, pelas mesmas corporações perversas que já mencionei e que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir. (KRENAK, 2019, p.18).

Há ainda outros diálogos com o Curupira, histórias que envolvem essa figura do mundo dos encantados que vem preenchendo o imaginário popular e ganhando vida nas histórias em quadrinhos e até mesmo nas séries de TV.

A seguir, temos um exemplo de como Maurício de Souza retrata um dos encantados que faz parte das cosmogonias indígenas. Ele chega a respeitar algumas das características do Curupira que os professores Ticuna descreveram acima.

Figura 1 - História em quadrinhos



Fonte: Disponível em <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2019/01/chico-bento-n-53-editora-globo.html> acesso em 15/03/2021.

Na sequência dessa história, o Curupira joga um encantamento no Papa-Capim, personagem que representa os indígenas de modo estereotipado, e, de acordo com a

situação, o indiozinho vai se transformando em um animal diferente, sentindo na pele o mesmo que os animais. Ele vira uma ave grande que não pode voar. E imediatamente aparecem dois indígenas que se põem a caçá-lo, quando uma flecha quase acerta Papa-Capim. Ele encanta-se em um tatu, e por aí o indígena vai trocando de corpos, até que se transforma em macaco e ouve a conversa de dois homens brancos tramando capturar vários animais da floresta para servir de fonte de renda.

No corpo do macaco, tenta avisar aos animais da floresta, mas ninguém o entende. Vai então ao socorro de seus amigos na comunidade, onde se metamorfoseia em uma onça e acaba afugentando a todos. É nesse momento que tem a ideia de ir ao encontro dos caçadores mal-intencionados e, naquela forma de onça, expulsa-os da floresta. O Curupira, vendo a benfeitoria do indígena, retira dele o encantamento. Papa-Capim volta para sua aldeia e a mãe dele fala que tem perdiz assada, cozido de tatu e sopa de tartaruga para o almoço, que são os mesmos animais que ele tinha vivido na transformação. Ele recusa o almoço, dizendo que prefere um purê de mandioca².

A história contada por Mauricio de Souza no HQ número 53 da Editora Globo, naquele ano de 1989, evidencia para as crianças e outros leitores o espírito ecológico do Curupira e seu compromisso com a defesa da natureza e da vida. Mesmo que a publicação apresente a figura indígena de modo estereotipado, consegue sensibilizar para a questão.

A HQ trabalha ainda a multipessoalidade

2 Essa questão de não querer mais comer carne reaparece em narrativa de Yamã, incluída na última parte deste artigo.

de (FIOROTTI, 2022), ideia de acordo com a qual é possível ser gente, macaco e onça concomitantemente. Souza parece ter se inspirado nessas metamorfoses indígenas que são estudadas como perspectivismo ameríndio e ganham cada vez mais espaço nos estudos de literaturas e artes indígenas. Essas possibilidades de existências múltiplas, de trânsito entre espécies com ações tipicamente humanas por parte de animais, incluem nos textos indígenas formas específicas de ser e estar no mundo. Assim, para eles os animais são gente e se vêem como pessoas, porque para os indígenas as pessoas também podem ser animais (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Recentemente, no ano de 2021, a Netflix (empresa que atua como provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*) produziu a série *Cidade Invisível*, com vários encantados, entre eles o Boto, o Saci e a Iara, dando grande destaque à figura do Curupira que, vivendo disfarçado na cidade, tenta esconder o seu verdadeiro eu, mas provocado pela “morte” de seu amigo, retorna à floresta e reassume seu papel.

Não obstante a maneira como esses personagens são representados pelos veículos e produções midiáticas, não se pode negar a contribuição dos mesmos no sentido de, senão provocar, ao menos contribuir com o debate sobre a questão das diferenças entre as narrativas de indígenas e não indígenas. Como pesquisadores/as, somos, a todo instante, impulsionados/as a pensar maneiras de desconstruir discursos e imagens construídas pela ótica colonialista que, aos olhos dos invasores, são justificativas mais que plausíveis para os atos de violência cometidos, no curso da história, contra os povos originários. Na sequência, uma cena retirada da série acima mencionada.

Figura 2 – O Curupira na Série Cidade Invisível



Fonte: <https://sobresagas.com.br/cidade-invisivel-conheca-os-mitos-e-lendas-que-inspiraram-a-serie>

Nas andanças pela floresta, encontramos pessoas no Acre e no sul do Amazonas que, dentro de seus cosmos, suas dimensões de vida, juram ter tido contato com um Curupira, também conhecido como Caboclinho da Mata, e boa parcela da população do Acre já presenciou ou conhece alguém que teve proximidade com este ser encantado, vivente das matas brasileiras, cuja existência remonta a histórias indígenas desde antes da chegada dos portugueses.

Essas narrativas fortalecem os vínculos com a terra e a consciência da relação entre ser humano e floresta. O escritor e professor brasileiro Daniel Munduruku, ao tratar dessa conexão, menciona: “nos diz a crença que quem acha que conhece a floresta e não cuida dela é orgulhoso e pode topa com algum encantado” (MUNDURUKU, 2014, p. 9).

O Curupira Huni Kuĩ defende a natureza e a floresta

No município de Feijó, estado do Acre, o pesquisador indígena Huni Kuĩ e artista plástico Dasu Kaxinawá, agiu como facilitador e interlocutor entre os pesquisadores desse trabalho e o povo de sua etnia e, em colaboração com esta pesquisa, gravou um áudio com o Senhor Antônio José de Albuquerque, da Aldeia Nova Olinda, Terra Kaxinawá, do

povo Huni Kuĩ. Nela, o senhor Antônio fala do mistério que vem dos seus antepassados³

Nossos tataravôs já falavam [...] desse espírito que vem da floresta [...] é como um vaqueiro dos animais da floresta [...] quando ele quer, ele se apresenta como uma pessoa [...] estragando a caça que era para se alimentar [...] é um espírito que vive na terra, um protetor da floresta [...] mata bem quatro veados num dia [...] o Curupira defende a natureza, a floresta [...] desde criança ouvi os mais velhos falarem [...] nada é sem vida [...] ajudar a curar, a tratar, de acordo com as histórias [...] estava fazendo cigarro para fumar e o Caboquinho apareceu para ele [...] não teve coragem de falar, mas ele viu [...] quando a pessoa era estragador da caça [...] chegou montado no veado [...]. (ALBUQUERQUE, 2020).

Percebemos, na fala do entrevistado acima, uma clara distinção entre caça predatória e de subsistência, sendo que os sujeitos que não respeitam tal diferença sofrem os castigos impostos pelos encantados da floresta. Há, portanto, uma relação de afeto, cuidado e, conseqüentemente, pertencimento à terra, que precisa ser protegida, ao contrário do que ocorre quando os invasores não indígenas se apropriam desses territórios.

Ailton Krenak defende a ligação com a terra e com a ancestralidade: “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco” (KRENAK, 2019, p. 14).

Entrevistamos um morador das margens do rio “Sapatini”, expressão dada pelos moradores de Boca do Acre – AM, Lábrea – AM e arredores. Fazemos essa ressalva porque nos mapas o rio é nomeado como “Sapetini”, mas os navegadores o chamam de “Sapatini”. A pessoa que nos concedeu a entrevista,

³ Entrevista disponível em <https://youtu.be/32LY7BITkWO>

morador da região, nos contou, apreensivo, que não se deve falar em Curupira/Caboclinho da Mata e, ao perguntarmos o porquê, ele respondeu apenas com um sorriso: “porque não, senão ele pega a gente”. Ainda insistimos: mas só por falar nele, ele pega a gente? Respondeu ele dessa vez: “só se xingar mesmo, daí ele pega o cabra e desce peia nele, com cipó, a pessoa apanha, mas não vê nada, só o reboiço dele”. Com um pouco de insistência ele deixou gravar a nossa conversa e concordou em contar uma história que acontecera com o irmão.

Dividimos essa referência em duas partes: na primeira, ele relata sobre a existência de um Caboclinho da Mata, de quem se ouve falar desde pequeno até adulto e no dia-a-dia. Segundo o morador Antônio José da Silva, conhecido como Cabeça, o Caboclinho da Mata bate na pessoa que fala mal dele e coloca debaixo da raiz das árvores aqueles caçadores que são viciados na caça⁴. O vício em caçar parece relacionar-se à ideia de caça esportiva, irresponsável, por quem mata sem regrar quantidade e desconectado da floresta e de quem vive nela, como o Caboclinho da Mata/Curupira.

Na segunda parte, Cabeça narra uma história de família na qual seu irmão passava a noite na mata caçando e quando ele atou

a rede em um barreiro para ficar à espreita, algo o derrubou; ele afirma que era o Caboclinho da Mata e que ele quase morre. Questionamos como ele sabia que era o encantado, ao que ele respondeu que essa entidade vive pelos barreiros e assombra os caçadores que são viciados em caçar⁵.

A relação dos ribeirinhos e dos povos indígenas com a caça é de subsistência, com raízes na ancestralidade, respeitando todos os seres da natureza sem se considerarem superiores a eles. Nesse contexto, portanto, a função do Curupira seria de promover o equilíbrio, punindo aqueles que violam essas regras. A seguir, apresentamos a perspectiva Kambeba sobre o tema.

Os Kambeba e a Curupira

De acordo com a literatura dos povos Kambeba, o Curupira é uma entidade presente desde a infância, nas histórias contadas e em suas brincadeiras. A seguir, trazemos a letra de um canto, seguida da partitura (Figura 3); trata-se de uma brincadeira que é uma forma de educar para vida, para o rito, dançando em roda na presença dos pais e parentes, os pequenos Omáguas (povo das águas) exibem sua dança, e suas pinturas de corpos, para as lentes da poeta e ambientalista Marcia Kambeba, que os apresenta através de vídeo o rito *Zana Makatipa*:

Letra em Kambeba	Pronúncia	Tradução
Zana Makatipa, Kurupira (2x)	Zana macatipa, Curupira (2x)	Tuxaua, cadê a Curupira?
Usutá iawaxama kurupira	Ussutá iuaxima, Curupira (2x)	Vou chamar a Curupira
Zana Makatipa, Kurupira (2x)	Zana macatipa, Curupira (2x)	Tuxaua, cadê a Curupira?
Iuka sane kurupira	Iuca sane, Curupira (2x)	Lá vem a Curupira!
Zana Makatipa, Kurupira (2x)	Zana macatipa, Curupira (2x)	Tuxaua, cadê a Curupira?
Awí iawaxama kurupira	Auí iuaxama, Curupira (2x)	Já chegou a Curupira!
Iapã nakurata paiwaru	Iapã nacurata paiuaru,	Vamos tomar paiarú Curupira
Kurupira	Curupira (4x)	Vamos dançar, Curupira!
Iapã iapuraxi kurupira	Iapã iapuraxi, Curupira (4x)	Vamos dar voltas, Curupira!

4 Entrevista disponível em https://youtu.be/p_i2oxLGtS4

5 Entrevista disponível em <https://youtu.be/i6t01YeGeRs>

Letra em Kambeba	Pronúncia	Tradução
Iapã pinani kurupira	Iapã apinani, Curupira (4x)	Vamos embora, Curupira!
Iapã iriwa kurupira	Iapã iriua, Curupira (4x)	Vamos dar adeus a Curupira!
Iapã terina kurupira	Iapã aterina, Curupira (4x)	

Figura 3 – Canto da Floresta – Zana Makatipa



Fonte: <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/zana-makatipa-kurupira/>

Para o povo Kambeba, o Curupira ou a Curupira é um ser sagrado, que protege a aldeia das tempestades. Ele/ela avisa quando vai cair um temporal por meio de batidas no tronco das sapopemas⁶. Desde cedo as crianças Kambeba aprendem os ritos, dançando em roda e inserindo os mais jovens no ritual da Curupira.

Para os Omágua/Kambeba, a Curupira protege a comunidade dos perigos e dos

fenômenos da natureza, avisando a Zana (ou tuxaua) – a única pessoa que pode ver e conversar com a entidade – dos perigos que rondam a aldeia. Com seu calcanhar, ela bate no tronco da árvore de sapopema, avisando que vem temporal e, na aldeia, todos ficam atentos ao seu sinal. Este é um ritual que se dá através de canto e dança e chama-se *Zana Makatipa Kurupira* (Tuxaua cadê a Curupira).

Figura 4 – Ritual Zana Makatipa Kurupira

Língua Materna Omágua/Kambeba	Tradução em português
Zana makatipa kurupira	(tuxaua cadê a curupira)
Usutá iawaxama kurupira	(vou chamar a curupira)
luka sane kurupira	(lá vem a curupira)
Awi iawaxima kurupira	(já chegou a curupira)
Iapã nakurata paiwaru kurupira	(vamos tomar pajauaru curupira)
Iapã iapuraxi kurupira	(vamos dançar curupira)
Iapã pinani kurupira	(vamos dar voltas curupira)
Iapã iriwa kurupira	(vamos embora curupira)
Iapã terina kurupira	(vamos dar adeus ao curupira)

Fonte: (SILVA, 2012, p.155. Música: <https://youtu.be/LQ5Pz5pC08U>)

6 De acordo com o Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (versão online), trata-se de uma Árvore de porte médio (*Aspidosperma excelsum*), da família das apocináceas, de madeira de boa qualidade, nativa da Amazônia e das Guianas, de folhas ovaladas e flores em glomérulos; bucutá.

Ao chamar de “a Curupira”, os Kambeba incluem a questão de gênero, sendo a segunda vez, depois do texto Ticuna, citado anteriormente aqui, que encontramos referência a uma Curupira, esse ser encantado,

no feminino, um equivalente com sentido muito próximo ao que essa noção passou a ter no ocidente, com o nome vinculado a um ser unicamente masculino.

Outras culturas, como a Macuxi, têm também a *Makunaímî* (Macunaíma) mulher. Muitas vezes, ocorre que, para nomes aos quais atribuímos o artigo definido “o”, determinando, assim, o gênero masculino, os povos indígenas fazem outro uso, geralmente sem a utilização do artigo, ou seja, podem estar se referindo tanto a “ele” quanto a “ela”.

Do mesmo modo, a questão etária é pensada de modo bem diferente, sem excluir as crianças de atividades, podendo ser o Curupira também uma criança, tal como aparece a seguir, no livro de autoria Maraguá.

O Menino Kurupyra Maraguá

No livro *As Pegadas do Kurupyra* (2008), narrativa que se passa em Nova Olinda do Norte, Amazonas, próximo ao rio Abacaxis, também conhecido no passado como Guari-namã, com suas belas praias e águas cristalinas (YAMÃ, 2008), o autor considera:

os humanos nunca haviam posto os pés nesse paraíso e Kurukawa não os conhecia. Ele os viu pela primeira vez, quando uma família chegou à praia. Eles traziam toda a bagagem, pareciam estar de mudança. Kurukawa ficou atento, procurando entender aquela cena. [...] Desembarcaram da canoa e foram em direção a terra e logo o homem começou a construir a casa, com a palha retirada da mata. No lugar desmatado ateou fogo ao terreno, que era próximo ao rio, e fez logo um roçado. Tudo isso apavorou Kurukawa (YAMÃ, 2008, p. 9).

O menino Kurupyra, que vivia sozinho na mata, com medo intuiu: “[...] já sei que vou ter muito trabalho. [...] Agora era descansar, para depois voltar e vigiar a floresta, protegendo-a daqueles estranhos” (YAMÃ, 2008,

p. 10). E a intuição da criança conseguiu antecipar o fato de a chegada da família trazer desmatamento e queimada.

Tuim, menino recém-chegado ali, tem sentimentos parecidos ao de Kurukawa, o Curupirinha. Ambos são crianças e acabam se encontrando: “subitamente, Tuim, que vinha correndo, apareceu, dando de cara com o Kurupyra. Bool! Deram um encontrão e os dois caíram sentados” (YAMÃ, 2008, p. 11). E a criança fala:

- Meu Deus, um Kurupyra! – Tuim gritou assustado. Amedrontado, o menino pulou dentro de uma moita ao lado do caminho. Ao vê-lo, Kurukawa arregalou os olhos e também pulou dentro de outra, em frente à que Tuim estava escondido. Os dois ficaram lá bem quietinhos (YAMÃ, 2008, p. 20).

A relação entre as crianças espelha mundos diferentes e que raramente se entendem, ficando cada um no seu canto a reproduzir seu *modus vivendi*. Na maior parte das vezes, quem invade e explora os territórios dos encantados é o não indígena. Eles começam a dialogar e o indígena lembrou que deixou sua caça na caverna de Kurukawa, “perto de uma grande sapopema, nome dado às grandes e achatadas raízes de árvores” (YAMÃ, 2008, p. 9). E Kurupyra falou:

- Ahahahá! Que engraçado. Você caçou um inãbu e trouxe para minha caverna? Agora com certeza ele está cantando lá fora! [...] - Minha caverna tem o poder de curar e reviver os animais. É aqui que eu cuido deles. Sempre que encontro algum animal ferido eu o trago pra cá. - Você está me dizendo que [...] vou ter que caçá-lo novamente? - Isso mesmo! [...] - Nós, os Kurupyras, temos em nossa casa a poçaga milagrosa da cura que não é encontrada em nenhum outro lugar (YAMÃ, 2008, p. 25).

Com o amigo Kurupyra, Tuim aprende a não mais comer carne: “meu amigo me disse que comer carne não é a melhor coi-

sa. E matar animais indefesos é pior ainda. Eu não quero ser um menino mau” (YAMÃ, 2008, p. 28).

No desenrolar da narrativa, a amizade vai aumentando entre os dois meninos e o autor volta a falar da existência do Kurupira: “uma das entidades mais respeitadas pelo homem, especialmente na Amazônia, onde ainda vivem” (YAMÃ, 2008, p. 37).

Considerações Finais

Concluimos esta escrita, mas seguiremos pesquisando e compartilhando este encantamento pela (o) Curupira, que amplia possibilidades de trocas culturais, linguísticas e aponta para mundos possíveis.

Pensamos que o fato de conhecer e divulgar essas vozes é uma forma de decolonizar o pensamento e vislumbrar a continuidade da floresta em pé e da vida neste planeta tão ameaçado pela falta de sensibilidade e destruição que nos assola.

Os Curupiras, desde longa data, fazem parte das histórias dos povos originários e cada um recebe um nome que varia de uma região para outra. Seus aspectos também apresentam essa variante, porém estavam presentes no passado e continuam a existir entre nós. Portanto, essas narrativas não se perderam com o tempo, e o Curupira ainda está presente e vive nas matas, fazendo parte das culturas de muitos povos.

Por isso, às pessoas que desrespeitam a natureza, que são viciadas em caça ou descredita na possibilidade da existência de vários mundos, sugerimos que possam visitar essas literaturas, dialogar com intelectuais indígenas e, junto com eles, buscar “ideias para adiar o fim do mundo”. Ou então, caro leitor, cuidado, o Curupira pode te pegar!

Referências

ALBUQUERQUE, Antônio José de (liderança

Huni Kuĩ) [17/10/2020]. Entrevista **Curupira Kaxinawá** filmada por Evanildo Kaxinawa. Disponível em: <https://youtu.be/32LY7BITkW0>. Acesso em: 11 abr. 2022.

APURINÃ, *Waykury*. (morador da aldeia Kamicuã) [05/02/2021]. Entrevista **o Curupira/Caboclinho Da Mata**, Terra Firme por Antonio Rogério dos Santos.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1954.

COELHO, José Rondinelle Lima. **Cosmologia Tenehara Tembê: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá – PA**. Universidade Federal do Amazonas – UFAM - Museu Amazônico Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Manaus – Amazonas, 2014.

DORRICO, Julie. Posfácio. In: NÚÑEZ, Geni. **Djatchy Djatere: o saci guarani**. Ilustrações de Wanessa Ribeiro e Joyce Ara'i Firmiano. Brasil: Zió Zines, 2020.

FIOROTTI, Sonyellen Ferseck. *Makunaimö pantonü* – a história de Makunaima ou “meu companheiro, essa história é muito triste” in TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; SANTOS, Cristina Mielczarski dos; MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso (orgs.). **Letras e Vozes dos Lugares**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

KAMBEBA, Marcia Wayna. **O lugar do Saber**, São Leopoldo-RS: Ed. Casaleira, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Ed Companhia das letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

MONTE, Nieta; FREIRE, José Ribamar Bessa. **Te mandei um Passarinho**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Foi vovó que disse**. 2. ed. Ilustrações de Graça Lima. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

RODRIGUES, Alan (Professor da Universidade Federal do Amazonas) [15/06/2020]. Entrevista **o Curupira 7 espíritos** realizada pelo *googlemeet* por Antonio Rogério dos Santos.

SILVA, Antônio José da (morador de Lábra-AM).

[7/09/2021] Entrevista **Vício na caça parte 1** -Entrevistado por Antonio Rogério dos Santos às margens do rio Sapatini, disponível em https://youtu.be/p_i2oxLGtS4. Acesso em: 07 dez. 2021.

_____. **Vício na caça, parte 2** - Entrevistado por Antonio Rogério dos Santos às margens do rio Sapatini, disponível em <https://youtu.be/i6t-01YeGeRs>. Acesso em: 08 fev. 2022.

SILVA, Márcia Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Amágua- Kambeba na aldeia Tururucari-Uk**. UFAM, Manaus, 2012.

VIEIRA, Mônica do Corral. **Histórias Tembé: sobre narrativas e autoidentificação**. Tese (doutorado) na Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

YAMÃ, Yaguarê. **As Pegadas do Kurupyra**. Ilustrações de Uziel Guaynê Oliveira. São Paulo: Mercury Jovem, 2008.

Recebido em: 09/05/2022
Aprovado em: 28/05/20220



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.